

Capítulo 2

Primórdios

Cícero e Rômulo

Segundo uma tradição romana, o Templo de Júpiter, onde Cícero fez seu discurso contra Catilina em 8 de novembro de 63 a.C., havia sido erguido sete séculos antes por Rômulo, um dos fundadores de Roma. Rômulo e os cidadãos de sua pequena comunidade estavam em luta com seus vizinhos, um povo conhecido como sabinos, no local onde mais tarde se ergueria o Fórum, centro político da Roma de Cícero. As coisas estavam indo mal para os romanos, e eles foram forçados a bater em retirada. Como última tentativa de vencer, Rômulo orou ao deus Júpiter — não exatamente a Júpiter, mas a Júpiter *Stator*, o “Júpiter que mantém os homens firmes”. Construiria o templo em agradecimento, prometeu Rômulo ao deus, caso os romanos resistissem à tentação de fugir e defendessem sua terra contra o inimigo. Fizeram isso, e o Templo de Júpiter Stator foi erguido exatamente naquele lugar, o primeiro de uma longa série de santuários e templos construídos na cidade em homenagem à divina ajuda para assegurar a vitória militar de Roma.

Essa pelo menos foi a história contada por Lívio e vários outros escritores romanos. Os arqueólogos nunca conseguiram identificar

com segurança quaisquer vestígios desse templo, que em todo caso deve ter sido reconstruído à época de Cícero, especialmente se suas origens remontassem de fato aos primórdios de Roma. Mas não pode haver dúvida de que, quando escolheu reunir o Senado ali, Cícero sabia exatamente o que estava fazendo. Tinha em mente o precedente de Rômulo e o destacava ao usar o local. Queria manter os romanos coesos ("mantê-los firmes") diante de seu novo inimigo, Catilina. Na realidade, ele disse quase exatamente isso ao final de seu discurso, quando — certamente apontando para a estátua do deus — apelou a Júpiter Stator e lembrou sua plateia a respeito da fundação do templo:

Tu, Júpiter, que foste estabelecido por Rômulo no mesmo ano em que a cidade, como o deus que, ditamos com acerto, mantém firme a cidade e o Império — irás manter esse homem e seu bando longe de teu templo e dos templos dos demais deuses, das casas da cidade e de seus muros, das vidas e do destino de todos os cidadãos de Roma...

Fusa sugestão de Cícero, ao se apresentar como o novo Rômulo, não passou despercebida aos romanos de seu tempo, e a conexão repercutiu; algumas pessoas a usaram como pretexto adicional para zombar de sua procedência de cidade pequena, chamando-o de "o Rômulo de Arpinum".

Mas era um apelo clássico dos romanos aos pais fundadores, às histórias comoventes da Roma primordial e ao momento em que a cidade passou a existir. Mesmo hoje, a imagem de uma loba amamentando o bebê Rômulo e seu irmão gêmeo Remo simboliza as origens de Roma. A famosa estátua de bronze da cena é uma das obras mais copiadas e instantaneamente reconhecíveis da arte romana, estampada em milhares de cartões-postais e suvenires, e presente por toda a cidade atual como o emblema do time de futebol Roma.

Com essa imagem tão familiar, é fácil aceitar sem quaisquer restrições a história de Remo e Rômulo (ordem usual entre os romanos), e esquecer que trata-se de uma das mais antigas "lendas históricas" da fundação de qualquer cidade em qualquer era e em



7. Seja qual for a data exata da loba, os bebês gêmeos são ucrésimos posteriores, feitos no século xv, explicitamente para representar o mito da fundação. As cópias dessa estátua circulam pelo mundo todo, em parte graças a Benito Mussolini, que as distribuiu amplamente como símbolo da Romanità.

qualquer lugar do mundo. E, sem dúvida, trata-se de um mito ou de uma lenda, mesmo que os romanos a vejam, em termos amplos, como história. Uma loba amamentando gêmeos já seria um episódio estranho dentro de um conto muito peculiar, e até mesmo os antigos escritores às vezes demonstravam um saudável ceticismo em relação ao oportuno aparecimento de um animal lactante para amamentar um par de gêmeos abandonados, e na hora certa. O restante da narrativa é uma mistura extraordinária de detalhes desconcertantes: não só a incomum ideia de haver dois fundadores (Rômulo e Remo), mas também uma série de elementos decididamente não heróicos, desde assassinato, estupro e abdução, até o furo de a maioria dos primeiros cidadãos romanos ser composta por criminosos e fugitivos.

Esses aspectos pouco palatáveis produziram impacto nos historiadores modernos, e eles têm sugerido que a história toda deve ter sido elaborada como uma forma de antipropaganda pelos inimigos e vítimas de Roma, sentindo a ameaça de sua agressiva expansão. Essa é uma maneira excessivamente ingênua, para não dizer desesperada, de tentar explicar as singularidades da história, e deixa de lado o

ponto mais importante. Não importa onde e quando essa história se originou, os escritores romanos nunca pararam de contá-la e debatê-la intensamente. Havia mais em jogo do que a simples fundação da cidade. Conforme lotavam o velho templo de Rômulo para ouvir o novo "Rômulo de Arpinum", aqueles senadores deveriam estar cientes de que a história da fundação levantava questões ainda maiores, sobre o que significava ser romano, sobre quais eram as características especiais que definiam o povo romano — e, não menos premente, sobre os defeitos e fracassos que haviam herdado de seus ancestrais.

Para entender os antigos romanos, é necessário entender de onde eles acreditavam provir e repensar o sentido da história de Rômulo e Remo e dos temas principais, as sutilezas e ambigüidades de outras histórias da fundação. Pois os gêmeos não eram os únicos candidatos a primeiros romanos. Ao longo da maior parte da história romana, a figura do herói troiano Enéias, que fugiu para a Itália para fundar Roma como a nova Troia, também ganhou corpo. E não menos importante é tentar ver o que pode existir por trás dessas histórias. "Quando foi que Roma começou?" é uma questão que tem se mostrado quase tão sedutora para os modernos estudiosos como foi para seus predecessores da Antigüidade. A arqueologia oferece um esboço da Roma primordial que difere muito dos mitos romanos. Um esboço surpreendente, muitas vezes desconcertante e controverso. Até mesmo a famosa loba de bronze é tema de debates acirrados. Será que trata-se, como geralmente se tem pensado, de uma das primeiras obras de arte romanas que chegaram até nós? Ou será, como uma análise científica recente sugeriu, uma obra-prima da Idade Média? Seja como for, escavações feitas no subsolo da cidade atual ao longo dos últimos cem anos descobriram alguns vestígios, que talvez remontem até o ano 1000 a.C., a uma pequena vila junto ao rio Tibre que pode ter se tornado a Roma de Cícero.

Assassinato

Não existe apenas uma história de Rômulo. São dezenas de versões, muitas vezes incompatíveis. Cícero, uma década depois de seu confronto com Catilina, fez um relato em seu tratado *Sobre o Estado*. Como faziam muitos políticos da época, quando seu poder diminuiu,

ele se refugiou na teoria política. Aqui, no contexto de uma discussão filosófica bem mais longa sobre a natureza do bom governo, ele trata da história da "constituição" romana desde seus primórdios. Após um início resumido da história — no qual desajeitadamente evita a questão sobre Rômulo realmente ser filho do deus Marte e ao mesmo tempo lança dúvidas sobre outros elementos fabulosos da história —, ele segue adiante com uma discussão séria sobre as vantagens geográficas do local que Rômulo escolheu para o seu assentamento.

"Seria possível a Rômulo", escreve Cícero, "explorar de modo mais brilhante as vantagens de estar perto do mar e evitar ao mesmo tempo suas desvantagens do que colocando a cidade às margens de um rio que nunca falha e flui consistentemente para o mar, numa corrente ampla?" O Tibre, explica ele, facilitou a importação de suprimentos do exterior e exportação de excedentes; e as colinas nas quais a cidade foi construída proporcionaram não apenas uma defesa ideal contra ataques inimigos, mas também um ambiente de vida saudável cercada por uma "região pestilenta". Foi como se Rômulo já soubesse que a cidade que fundava seria um dia o centro de um grande Império. Cícero demonstra boa noção de geografia, e muitos outros desde então destacaram essa posição estratégica do local, que deu a Roma boa vantagem em relação a seus rivais locais. Mas ele patrioticamente lança um véu sobre o fato de que ao longo da Antigüidade o "rio que nunca falha" também transformou Roma em vítima regular de enchentes devastadoras e que, apesar das colinas, a "pestilência" (ou malária) foi uma das maiores causas de morte dos antigos habitantes da cidade (perseguindo assim até o final do século XIX).

A versão de Cícero sobre a fundação da cidade não é a mais conhecida. A que embasa a maior parte dos relatos modernos remonta no essencial a Lívio. Para um escritor cujo trabalho ainda é tão importante para a nossa compreensão da Roma primordial, sabe-se surpreendentemente pouco sobre "Lívio, o homem": ele veio de Patavium (Pádua), norte da Itália, começou a escrever seu compêndio sobre a história de Roma na década de 20 a.C. e tinha proximidade suficiente com a família imperial romana para incentivar o futuro imperador Cláudio a assumir o registro da história. A narrativa de

Rômulo e Remo tem inevitável destaque no seu primeiro livro, e bem menos geografia e mais narrativa vívida do que na de Cícero. Lívio começa com os gêmeos, e depois rapidamente segue com a história até os últimos feitos de Rômulo já sozinho, como fundador de Roma e seu primeiro rei.

Os meninos, explica Lívio, nasceram de uma sacerdotisa virgem chamada Reia Sílvia, na cidade italiana de Alba Longa, nas colinas Albanas, logo ao sul do local onde nasceria Roma. Ela não assumira esse encargo sacerdotal como virgem de livre vontade, mas foi obrigada a isso após uma luta fratricida pelo poder, que levou seu tio Amúlius a assumir o reinado de Alba Longa depois de destronar o irmão, Numitor, pai de Sílvia. Amúlius então usou a proteção do sacerdócio — uma honraria ostensiva — para evitar a incômoda aparição de quaisquer herdeiros e rivais provenientes da linhagem do irmão. Essa precaução acabou se mostrando inútil, pois Reia Sílvia logo ficou grávida. Segundo Lívio, ela alegou ter sido estuprada pelo deus Marte. Lívio parece hesitante em aceitar isso, tanto quanto Cícero; Marte, sugere ele, poderia ter sido um pretexto conveniente para encobrir um caso amoroso absolutamente humano. Mas outros escritores disseram-se convencidos da existência de um falo desencarnado, que teria vindo das chamas do fogo sagrado sob os cuidados de Reia Sílvia.

Assim que ela deu à luz os gêmeos, Amúlius ordenou que seus servos atirassem os bebês no rio vizinho, o Tibre, para que se afogassem. Mas os dois sobreviveram. Pois, como costuma acontecer em histórias como essa em muitas culturas, os homens a quem foi dada essa desagradável tarefa não seguiram as instruções ao pé da letra. Puscram os gêmeos em uma cesta e, em vez de colocá-los diretamente na água do rio — que estava na cheia —, deixaram-nos na água que invadia as margens. Antes que os bebês fossem levados pela correnteza à morte certa, a fúmosa loba protetora veio em seu auxílio. Lívio foi um daqueles romanos céticos que tentaram racionalizar esse aspecto particularmente implausível do conto. A palavra latina para "loba" (*lupa*) também era usada coloquialmente para indicar uma prostituta (*lupanare* era o termo-padrão para "bordel"). Afinal, não

seria plausível que uma prostituta local, em vez de uma besta selvagem, tivesse encontrado os gêmeos e cuidado deles?

Qualquer que fosse a identidade da *lupa*, um boncloso pastor logo encontrou os meninos e os levou com ele. Seria a sua esposa a prostituta?, ponderou Lívio. Rômulo e Remo viveram com a família do pastor, sem serem reconhecidos, exceto anos mais tarde, quando — já dois jovens — acabaram por acaso encontrando com o avô, e rei deposto, Numitor. Após restaurarem o seu reinado de Alba Longa, partiram para fundar sua própria cidade. Mas logo brigaram, com resultados desastrosos. Lívio sugere que a mesma rivalidade e ambição que haviam arruinado a relação entre Numitor e Amúlius foram transmitidas às gerações seguintes até chegar a Rômulo e Remo.

Os gêmeos divergiram quanto ao local onde deveria ocorrer a fundação da cidade, particularmente na escolha da colina — entre as várias que mais tarde iriam compor a cidade (existem, na verdade, outras além das sete famosas) —, que deveria ficar no centro do primeiro assentamento. Rômulo escolheu a colina conhecida como Palatino, onde foi erguida mais tarde a magnífica residência dos imperadores e que nos deu a palavra "palácio". Na briga que se seguiu, Remo, que escolhera a Aventino, saltou acintosamente por cima das defesas que Rômulo havia construído em volta de seu ponto preferido. Havia várias versões sobre o que teria acontecido em seguida. A mais comum (segundo Lívio) diz que Rômulo reagiu matando o irmão e com isso tornou-se o único chefe do local, ao qual deu seu nome. Ao desfêr o terrível golpe fratricida, ele gritou (no relato de Lívio): "Assim morrerá quem mais tentar saltar sobre meus muros". Foi um slogan adequado para uma cidade que seguiu em frente para se firmar como um Estado beligerante, mas cujas guerras foram sempre reações às agressões alheias, portanto, "guerras justas".

Estupro

Remo estava morto. E a cidade que ele ajudara a fundar consistia apenas em um punhado de amigos e companheiros de Rômulo. Precisava de mais cidadãos. Então Rômulo declarou Roma um "asilo" e incentivou o populacho e os despossuídos do resto da Itália a se

juntarem a ele: escravos fugidos, criminosos condenados, exilados e refugiados. Isso resultou em grande número de homens. Mas, a fim de arrumar mulheres, conforme relata Lívio, Rômulo precisou recorrer a um ardil — e ao estupro. Ele convidou os povos vizinhos, os sabinos e os latinos, da área em torno de Roma conhecida como Latium, para uma festa religiosa com diversões, com as famílias e tudo. No meio dos festejos, deu o sinal a seus homens para abduzirem as mulheres jovens que haviam vindo com os visitantes e levá-las embora como esposas.

Nicolas Poussin, pintor famoso por suas recriações da Roma Antiga, captou a cena no século XVII: Rômulo, em pé sobre uma plataforma, observa sereno a violência que acontece embaixo, contra um fundo de arquitetura monumental ainda em construção. É uma cena da cidade primordial que os romanos do século I a.C. teriam reconhecido. Embora eles às vezes pintassem a Roma de Rômulo como um lugar de carneiros, casebres de barro e brejos, com frequência também engrandeciam o lugar e o retratavam como uma cidade clássica esplêndida. Também é uma cena que tem sido reinterpretada das mais diversas maneiras e pelos mais diversos meios, ao longo da história. O musical de 1954, *Sete noivas para sete irmãos*, é uma paródia disso (nesse caso, as esposas são abduzidas durante os trabalhos comunitários de reconstrução de um celeiro americano). Em 1962, como reação direta ao terror da Crise dos Mísseis de Cuba, Pablo Picasso retrabalhou a versão de Poussin em uma das pinturas da série sobre o tema, com uma abordagem ainda mais violenta (ver lâmina 3).

Os escritores romanos discutiram infundavelmente a respeito desse episódio da história. Um dramaturgo escreveu toda uma tragédia sobre o tema, que infelizmente não sobreviveu — restou apenas uma única citação. Ficavam tentando decifrar detalhes, imaginando, por exemplo, quantas jovens teriam sido raptadas. Lívio não se compromete nesse aspecto, mas as estimativas variam de apenas trinta até uma cifra espuriamente precisa e implausivelmente grande de 683 — que, ao que parece, era o palpite do príncipe africano Juba, levado a Roma por Júlio César e que passou muitos dos seus primeiros anos ali estudando todo tipo de tópicos eruditos, da história romana

à gramática latina. Acima de tudo, porém, era a evidente criminalidade e violência do incidente que os preocupava. Afinal, essa ocasião foi o primeiro casamento romano de fato, e era onde os estudiosos romanos procuravam informações quando queriam explicar aspectos intrincados ou as frases das cerimônias tradicionais de casamento; imaginava-se, por exemplo, que o grito de celebração "*O Taloio*" era originário do nome de um dos jovens romanos presentes naquele evento. Estaria inevitavelmente subentendido que a instituição romana do casamento tinha se originado do estupro? Onde deveria ser colocada a linha divisória entre abdução e estupro? O que esse episódio dizia, em termos mais gerais, sobre a beligerância de Roma?

Lívio defende os primeiros romanos. Ele insiste que eles sequestraram apenas mulheres solteiras; essa seria, portanto, a origem do casamento, não do adultério. E depois de enfatizar a ideia de que os romanos não escolheram as mulheres, mas foram pegando-as ao acaso, Lívio argumenta que eles estavam recorrendo a um expediente



8. Esta moeda de prata romana, de 89 a.C., mostra dois dos primeiros cidadãos romanos raptando duas mulheres sabinas. O nome do homem responsável pela cunhagem da moeda, quase legível debaixo da cena, era Lucius Titurius Sabinus — o que presumivelmente explica a sua escolha do desenho. Do outro lado temos a cabeça do rei sabino, Tito Tácio [Titus Tatius].

necessário para o futuro de sua comunidade, e que foi seguido por uma conversa amorosa e por promessas de afeto dos homens para com suas novas noivas. Ele também apresenta a ação romana como uma resposta a um comportamento pouco razoável dos vizinhos de sua cidade. Os romanos, explica ele, tinham feito primeiro a coisa certa, propondo aos povos dos arredores um tratado que daria a ambos o direito de casar com as respectivas filhas. Lívio, de forma explícita — e com um anacronismo espantoso —, refere-se aqui ao direito legal de *conubium*, ou "intercasamento", que mais tarde seria parte regular das alianças de Roma com outros Estados. Os romanos teriam recorrido à violência somente depois que esse pedido foi rejeitado de maneira pouco razoável. Ou seja, tratou-se de mais um caso de "guerra justa".

Outros apresentaram a questão de modo diverso. Alguns detectaram já na origem da cidade todos os sinais reveladores da posterior beligerância romana. O conflito, defendiam eles, não foi provocado, e o fato de os romanos terem sequestrado apenas trinta mulheres (se é que foram trinta) demonstra que a guerra, e não o casamento, vinha em primeiro lugar às suas mentes. Salústio dá uma indicação dessa visão. A certa altura na sua *História de Roma* (um tratamento mais geral do que a sua *Guerra contra Catilina*, e que sobreviveu apenas em citações esparsas de outros autores), ele imagina uma carta — e ela é só *imaginada* — supostamente escrita por um dos mais feroces inimigos de Roma. A carta reclama do comportamento predatório dos romanos ao longo de sua história: "Desde o início, eles não possuíam nada, exceto o que haviam roubado: sua casa, suas esposas, suas terras, seu Império". Talvez a única saída fosse colocar toda a culpa nos deuses. O que mais você poderia esperar, outro escritor romano sugeriu, quando o pai de Rômulo foi Marte, o deus da guerra?

O poeta Ovídio [Publius Ovidius Naso] escolheu uma linha diferente. Mais ou menos contemporâneo de Lívio, foi subversivo onde Lívio era convencional — acabou sendo banido em 8 d.C., em parte pela ofensa causada por seu espirituoso poema, "Lições de amor", sobre como arrumar um parceiro. Nele, Ovídio inverte a história de Lívio sobre a abdução e apresenta-a como um modelo

primitivo do flerte: crítico, em vez de conveniente. Segundo Ovídio, os romanos começam tentando "descobrir a garota da qual cada um deles mais gosta" e vão atrás dela com "mãos desejosas" assim que o sinal é dado. Logo estão cochichando bobagens doces aos ouvidos de suas penas, cujo óbvio terror apenas intensifica o apelo sexual neles. Festas e diversões, como o poeta reflete de modo perverso, sempre foram bons lugares para arrumar uma moça, desde os primeiros dias de Roma. Ou, dito de outro modo, que grande ideia teve Rômulo para recompensar seus leais soldados. "Quero me alistar já", brinca Ovídio, "se você me prometer esse tipo de pagamento."

Os pais das moças, assim reza a história usual, não acharam a abdução engraçada nem viram nada de flerte nela. Foram à guerra contra os romanos para resgatar as filhas. Os romanos derrotaram os latinos com facilidade, mas não os sabinos, e o conflito se prolongou. Foi nesse momento que os homens de Rômulo sofreram um pesado ataque em sua nova cidade e ele foi obrigado a pedir a Júpiter Stator que fizesse os romanos pararem de simplesmente fugir para salvar suas vidas, como Cícero lembrou sua plateia — sem lembrá-los, porém, de que a guerra tocou se deu por causa do roubo das mulheres. As hostilidades só cessaram graças às próprias mulheres, que agora já estavam contentes com seu destino de esposas e mães romanas. Elas entraram corajosamente no campo de batalha e imploraram para que seus maridos, de um lado, e seus pais, de outro, parassem de lutar. "Preferimos morrer", explicaram, "do que viver sem vocês, como viúvas ou órfãs."

A intervenção deu resultado. Não só houve paz, como se passou a considerar que Roma se transformara numa cidade conjunta, romano-sabina, uma única comunidade, sob o governo compartilhado de Rômulo e do rei sabino Tito Tácio. Bem, compartilhado apenas por alguns anos, quando, com o tipo de morte violenta que se tornou uma das marcas da política de poder romana, Tácio foi assassinado numa cidade vizinha durante um tumulto que em parte ele mesmo provocara. Rômulo virou novamente o único governante, primeiro rei de Roma, com um reinado de mais de trinta anos.

Irmão contra irmão, locais contra estrangeiros

Não muito abaixo da superfície dessas tramas, jazem alguns dos temas mais importantes da história romana posterior, assim como algumas das maiores ansiedades culturais romanas. Eles nos dizem muito sobre os valores e preocupações dos romanos, ou pelo menos sobre as preocupações que aqueles romanos tinham a respeito do tempo, do dinheiro e da liberdade de que dispunham; ansiedades culturais muitas vezes são privilégio dos ricos. Um desses temas, como acabamos de ver, era a natureza do casamento romano. Quão brutal ele estava destinado a ser, dadas as suas origens? Outro, já vislumbrado nas palavras das mulheres sabinas que tentavam a reconciliação entre seus pais e maridos, era a guerra civil.

Um dos grandes enigmas a respeito da lenda da fundação é sua afirmação de que havia dois fundadores envolvidos, Rômulo e Remo. Os historiadores modernos conceberam várias soluções para explicar o gêmeo redundante. Talvez ele aponte para alguma dualidade básica na cultura romana, entre diferentes classes de cidadãos ou diferentes grupos étnicos. Ou quem sabe reflita o fato de que mais tarde Roma teria dois cônsules. Ou, ainda, estejam envolvidas estruturas míticas mais profundas, e Rômulo e Remo sejam alguma versão dos gêmeos divinos que encontramos em várias manifestações da mitologia mundial, da Alemanha à Índia védica, incluindo a história bíblica de Caim e Abel. Mas seja qual for a solução escolhida (e a maior parte da especulação moderna não tem sido muito convincente), resta um enigma ainda maior no fato de um dos gêmeos fundadores ser realmente redundante — já que Remo foi morto por Rômulo ou, em outras versões, por um de seus homens, no primeiríssimo dia da cidade.

Para muitos romanos, que não fizeram uma higienização da história encoberta pelo rótulo de "mito" ou "lenda", esse era o aspecto mais impalatável da fundação. Parece que ele causou tal desconforto em Cícero que, no seu relato da origem de Roma em *Sobre o Estado*, ele não o menciona. Remo aparece no início, apresentado junto com Rômulo, para em seguida desaparecer da história. Outro escritor — o historiador Dionísio de Halicarnasso, residente de Roma no século I a.C., mas identificado pelo nome de sua cidade natal na costa da

atual Turquia — escolheu retratar um Rômulo inconsolável diante da morte de Remo ("perdeu a vontade de viver"). Outro ainda, conhecido para nós apenas como Egnatius, optou por uma maneira mais ousada de driblar o problema. A única coisa que sabemos sobre esse Egnatius é que inverteu completamente a história do assassinato, afirmando que Remo viveu mais que seu irmão gêmeo.

Era uma tentativa desesperada, e obviamente não convincente, de fugir à triste mensagem contida no relato: a de que o fratricídio estava entranhado na política romana e que os apavorantes surtos de conflito civil que repetidamente assolaram a história de Roma a partir do século VI a.C. (o assassinato de Júlio César em 44 a.C. é apenas um exemplo) estavam de algum modo predeterminados. Afinal de contas, que cidade, fundada sobre o assassinato de um irmão por outro, poderia escapar do assassinato de um cidadão por outro? O poeta Horácio [Quintus Horatius Flaccus] foi um dos vários escritores que responderam essa questão de maneira óbvia. Escrevendo por volta de 30 a.C., na esteira da década de lutas que se seguiram à morte de César, ele lamentava: "Amargo destino persegue os romanos, e o crime do assassinato de um irmão, desde que o sangue do inocente Remo foi derramado no chão para se tornar uma maldição para os seus descendentes". A guerra civil, poderíamos dizer, estava nos genes dos romanos.

Sem dúvida, Rômulo poderia ser mostrado, e com frequência era, como um heróico pai fundador. Seu embaraço pelo destino de Remo não impediu Cícero de tentar vestir o manto protetor de Rômulo em seu confronto com Catilina. E, apesar da sombra do assassinato, imagens dos gêmeos bebês eram encontradas por todo o mundo romano antigo: tanto na própria capital — onde chegou a haver um grupo de estátuas deles no Fórum e outro no Capitólio (ou Monte Capitolino) — como nas partes mais distantes do Império. Na realidade, quando o povo da ilha grega de Quíos quis demonstrar sua sujeição a Roma no século II a.C., uma das coisas que decidiram fazer foi erguer um monumento retratando, como eles mesmos disseram, "o nascimento de Rômulo, o fundador de Roma, e seu irmão Remo". O monumento não existe mais. Mas sabemos dele porque os

habitantes de Quíros registraram sua decisão em uma placa de mármore, que sobreviveu. De qualquer modo, ali persistiu certo desconforto moral e político em relação ao caráter de Rômulo.

Também desconfortável, mas de maneira diferente, foi a ideia do asilo, e a acolhida que Rômulo deu a todos os que vieram — estrangeiros, criminosos e desgarrados —, ao procurar cidadãos para sua nova cidade. Houve aspectos positivos em relação a isso. Em particular, refletiu a extraordinária abertura e boa vontade da cultura política romana em incorporar estrangeiros, o que a diferenciou de todas as outras sociedades ocidentais que conhecemos. Nenhuma cidade grega antiga foi remotamente tão acolhedora; Atenas, em particular, restringia com rigor o acesso à cidadania. Isso não é um tributo a nenhum suposto temperamento "liberal" dos romanos no moderno sentido da palavra. Eles conquistaram vastas extensões de território na Europa e além, às vezes com terrível brutalidade; e foram muitas vezes xenófobos e desdenhosos com povos que chamavam de "bárbaros". No entanto, num processo único em qualquer Império pré-industrial, os habitantes desses territórios conquistados, "províncias", como os romanos os chamavam, foram aos poucos obtendo cidadania romana, e os respectivos direitos e proteções legais. Isso culminou em 212 d.C. (quando este livro termina), quando o imperador Caracala transformou todo habitante livre do Império em cidadão romano.

9. Rômulo e Remo alcançaram os locais mais afastados do Império Romano. Este mosaico do século IV d.C. foi encontrado em Aldborough, no norte da Inglaterra. O lobo é uma criatura de simpatia encantadora. Os gêmeos, que parecem flutuar arriscadamente no ar, sugerem algo posterior, assim como os acréscimos renascentistas ao grupo capitolino.



Mesmo antes disso, a elite das províncias já ingressara em grande número na hierarquia política da capital. O Senado romano aos poucos se tornou o que podemos descrever hoje como um organismo multicultural, e a lista completa de imperadores romanos inclui vários cujas origens estão fora da Itália: o pai de Caracala, Septímio Severo [Septimius Severus], foi o primeiro imperador oriundo de território romano na África; Trajano e Adriano, que reinaram meio século antes, provinham da província romana da Espanha. Quando em 48 d.C. o imperador Cláudio — cuja imagem afável deve mais à novela *Eu, Cláudio*, de Robert Graves, do que à vida real — defendeu diante de um Senado relutante que os cidadãos da Gália deviam ter permissão para se tornar senadores, ele passou algum tempo lembrando-os que Roma havia sido receptiva a estrangeiros desde o início. O texto de seu discurso, incluindo algumas interrupções que ao que parece até um imperador tinha que tolerar, foi inscrito em bronze e colocado à mostra na província, na atual cidade de Lyon, onde ainda é preservado. Cláudio, ao que parece, não teve, ao contrário de Cícero, a oportunidade de fazer ajustes antes da publicação.

Houve um processo similar com a escravidão. A escravidão romana foi em alguns aspectos tão brutal quanto os métodos romanos de conquista militar. Mas para muitos escravos romanos, particularmente aqueles que trabalhavam em contextos domésticos urbanos e não na fatigante labuta dos campos ou das minas, não era necessariamente uma pena perpétua. Eles regularmente obtinham sua liberdade, ou a compravam com suas economias; e se o seu dono fosse um cidadão romano, então obtinham também a cidadania romana, sem quase nenhuma desvantagem em relação àqueles que haviam nascido livres. O contraste com a Atenas clássica é mais uma vez evidente: ali, pouquíssimos escravos eram libertos, e os que o eram certamente não recebiam a cidadania ateniense, ficando em uma espécie de limbo apátrida. A prática da emancipação — ou manumissão, para acompanhar o termo em latim — era um traço tão característico da cultura romana que os estrangeiros da época comentavam a respeito dela, vendo-a como um poderoso fator do sucesso romano. Como um rei da Macedônia observou no século III a.C., foi desse modo

que "os romanos ampliaram seu país". A escala era tal que alguns historiadores admitem que, por volta do século II d.C., a maioria da população de cidadãos livres da cidade de Roma tinha escravos em algum ponto de sua ancestralidade.

A história do asilo de Rômulo aponta claramente para essa abertura, sugerindo que a composição diversa de Roma era uma característica que remontava às suas origens. Havia gente em Roma que compartilhava o ponto de vista do rei da Macedônia, de que a política inclusiva de Rômulo era parte importante do sucesso da cidade; e para eles o asilo era algo de que deviam se orgulhar. Mas havia também vozes discordantes que enfatizavam um lado bem menos lisonjeiro da história. Não eram apenas alguns dos inimigos de Roma que viam a ironia de um Império que rastreava sua ascendência até encontrar os criminosos e a ralé da Itália. Alguns romanos também. No fim do primeiro século d.C., ou início do segundo, o poeta satírico Juvenal [Decimus Junius Juvenalis], que adorava escarnecer das pretensões romanas, atacou o esnobismo — outro aspecto da vida em Roma — e ridicularizou os aristocratas que se gabavam de uma árvore genealógica de vários séculos. Ele termina um de seus poemas com uma estocada nas origens de Roma. Em que se baseia tola essa arrogância, afinal? Roma era desde os seus primórdios uma cidade composta por escravos e fugitivos ("Quem quer que fosse seu ancestral mais antigo, ele seria ou um pastor ou algo que eu preferiria não mencionar"). Cícero pode ter endossado esse mesmo ponto ao fazer uma brincadeira em uma carta ao seu amigo Ático sobre a "ralé" ou os "refugos" de Rômulo. Ele zombava de um dos seus contemporâneos, que, segundo ele, discursava no Senado como se estivesse vivendo "na *República* de Platão", referência ao Estado ideal do filósofo — "quando na realidade está na *faex* (fezes) de Rômulo".

Em resumo, os romanos sempre puderam ver-se seguindo os passos de Rômulo, para melhor ou para pior. Quando Cícero fez menção a Rômulo em seu discurso contra Catilina, foi mais que um apelo autoenaltecedor ao pai fundador de Roma. Foi também um apelo a uma história que deu margem a todo tipo de discussão e

controvérsia entre seus contemporâneos sobre quem eram de fato os romanos, o que Roma representava e onde se situavam sua divisões.

História e mito

As pegadas de Rômulo estavam marcadas na paisagem romana. Nos tempos de Cícero, você podia fazer mais do que visitar o templo de Júpiter Stator de Rômulo: podia entrar na caverna onde a loba supostamente teria cuidado dos bebês gêmeos e ver a árvore, replantada no Fórum, onde teriam sido achados os meninos levados pela correnteza do rio. Você podia até admirar a própria casa de Rômulo, uma pequena cabana de madeira onde o fundador teria vivido, no monte Palatino: era uma fatia visível da Roma primitiva naquilo que se tomara uma vasca metrópole. Isso, é claro, não passava de invenção, como bem desconfiou um visitante no final do século I a.C.: "eles não acrescentam nada que a torne mais reverenciada", explicou, "mas se qualquer parte dela for danificada, pelo mau tempo ou pela idade, farão o devido conserto e restauro para que fique como era antes". Não foram encontrados quaisquer indícios arqueológicos confiáveis da cabana, o que não é de surpreender, dada a sua construção precária. Mas ela sobreviveu de algum modo como um memorial às origens da cidade até pelo menos o século IV d.C., quando foi citada em uma lista de marcos notáveis de Roma.

Esses "vestígios" físicos — templo, figurica e cabana cuidadosamente reparada — eram parte essencial do status de Rômulo como personagem histórico. Como temos visto, os escritores romanos não eram crédulos estúpidos, e questionavam muitos detalhes das histórias tradicionais, mesmo ao recontá-las (o papel da loba, a ancestralidade divina e assim por diante). Mas não expressavam nenhuma dúvida de que Rômulo tivesse existido um dia, e tomado decisões cruciais que afetaram o futuro desenvolvimento de Roma, como a escolha do local da cidade, e inventado, mais ou menos sem ajuda alguma, as instituições que a definiam. O próprio Senado, segundo alguns relatos, foi criação de Rômulo, assim como a cerimônia do "trunfo" — o desfile romano da vitória, que regularmente acontecia após os maiores (e mais sangrentos) sucessos na guerra.

Quando, no final do século I a.C., uma lista monumental de todos os generais romanos que já haviam celebrado um triunfo foi inscrita em uma série de painéis de mármore no Fórum, Rômulo encabeçava a lista. "Rômulo, o rei, filho de Marte", dizia a primeira entrada, "ano um, em 1º de março, por uma vitória sobre o povo de Caenina", celebrando sua rápida conquista de uma cidade latina vizinha cujas jovens mulheres haviam sido roubadas — e sem mostrar qualquer vislumbre de ceticismo a respeito de sua paternidade divina.

Os estudiosos de Roma trabalharam duro para definir as realizações de Rômulo e chegar a uma cronologia precisa das primeiras fases da cidade. Uma das maiores controvérsias na época de Cícero foi a questão de quando exatamente a cidade havia sido fundada. Quantos anos tinha Roma precisamente? Mentis eruditas dedicaram-se a engenhosos cálculos, voltando no tempo a partir de datas romanas que conheciam até datas anteriores que desconheciam, procurando sincronizar eventos em Roma com a cronologia da história grega. Tentaram fazer corresponder sua história com os ciclos regulares de quatro anos dos Jogos Olímpicos, que em princípio ofereciam uma referência de tempo fixa e autêntica — embora, como se reconhece hoje, isso por si só já fosse em parte o produto de engenhosas especulações anteriores. Tratava-se de um debate complexo e altamente especializado. Mas aos poucos as diferentes visões convergiram em torno de meados daquilo que chamamos hoje de século VIII a.C., já que os eruditos concluíram que as histórias grega e romana "começaram" mais ou menos ao mesmo tempo. O que se tornou a data canônica, ainda citada em muitas obras de referência atuais, remonta parcialmente a uma obra especializada, o *Livro da cronologia*, de ninguém menos que Ático, o amigo e correspondente de Cícero. A obra não sobreviveu, mas supõe-se que tenha eligido como data da fundação da cidade por Rômulo o terceiro ano do sexto ciclo das Olimpíadas, ou seja, 753 a.C. Outros cálculos foram ainda mais específicos, chegando a 21 de abril, data na qual os modernos romanos ainda hoje celebram o aniversário da cidade — com desfiles de relativo mau gosto e espetáculos que simulam lutas de gladiadores.

É comum o limite entre mito e história mostrar-se vago (pense no rei Artur e em Pocahontas), e, como veremos, Roma é uma das culturas onde esse limite é particularmente nebuloso. Mas apesar de toda a perspicácia histórica com que os romanos trataram essa narrativa, temos todas as razões para vê-la, nos nossos termos, como puro mito. Para começar, é quase certo que não houve nada semelhante a um momento fundador da cidade de Roma. São bem poucas as cidades ou vilas fundadas assim de uma vez, por um único indivíduo. Não raro, são fruto de mudanças graduais na população, nos padrões de assentamento, na organização social e no sentido de identidade. A maioria das "fundações" são construções retrospectivas, que projetam no passado distante um microcosmo, ou uma versão primitiva imaginada da cidade posterior. O nome "Rômulo" já nos dá uma pista. Embora os romanos costumem supor que foi ele que emprestou seu nome à recém-estabelecida cidade, estamos hoje mais ou menos seguros de que ocorreu o contrário: "Rômulo" foi uma criativa construção baseada em "Roma". Ou seja, "Rômulo" foi apenas o arquétipo "Senhor Roma".

Além disso, os escritores e estudiosos do século I a.C., que nos legaram sua versão das origens de Roma, não tinham muito mais evidências diretas das primeiras fases da história de Roma do que os modernos escritores têm hoje, e sob alguns aspectos talvez tivessem até menos. Não haviam sobrevivido documentos nem arquivos. As poucas inscrições antigas em pedra, embora valiosas, não eram tão antigas quanto os estudiosos romanos com frequência imaginavam, e, como iremos descobrir no final deste capítulo, algumas vezes pecavam por uma má compreensão irremediável do latim antigo. Certo, eles tiveram acesso a alguns poucos relatos históricos anteriores que não sobreviveram até nós. Mas os relatos mais antigos haviam sido compostos em cerca de 200 a.C., ou seja, ainda existia um grande abismo entre essa data e as origens da cidade, que só podia ser superado com ajuda de uma série muito variada de histórias, canções, performances teatrais populares e o amálgama mutável e às vezes autocontraditório que compõe a tradição oral — constantemente ajustando o ato de contar e recontar a circunstâncias e platéias variáveis.

Existem alguns vislumbres fugazes da história de Rômulo até remontarmos ao século IV a.C., mas depois, a não ser que se traga a loba de bronze de volta à cena, a trilha termina.

No entanto, colocado em outros termos, é justamente por ser a história de Rômulo mítica e não histórica no sentido estrito que ela concentra tão agudamente algumas das questões centrais da Roma Antiga e é tão importante para a compreensão da história romana. Os romanos não haviam simplesmente herdado as prioridades e preocupações de seu fundador, como supunham. É exatamente o oposto: ao longo de séculos reconando e depois reescrevendo a história, eles mesmos haviam construído e reconstruído a figura fundadora de Rômulo como um poderoso símbolo de suas preferências, debates, ideologias e ansiedades. Em outras palavras, voltando a Horácio, não é que a guerra civil fosse o destino de Roma desde o seu nascimento; Roma é que havia projetado suas obsessões com o aparentemente infundável conflito civil e o fazia remontar ao seu fundador.

Também havia sempre a possibilidade de ajustar ou reconfigurar a narrativa, mesmo depois de ela ter alcançado uma forma literária relativamente fixa. Já identificamos, por exemplo, como Cícero escolheu lançar um véu sobre o assassinato de Remo, e como Egnatius o

10. Encontrado em território etrusco, esse espelho entalhado (a face refletora está do outro lado) parece mostrar uma versão da loba amamentando os gêmeos Rômulo e Remo. Nesse caso, com sua datação do século IV a.C., ele seria uma das mais antigas evidências dessa história. Mas alguns estudiosos, talvez excessivamente céticos, têm preferido ver aqui uma cena do mito etrusco, ou um par de misteriosas divindades romanas infinitamente mais obscuras e misteriosas, os gêmeos "Lares Praestites".



negou inteiramente. Mas o relato de Lívio sobre a morte de Rômulo dá um bom vislumbre de como a história das origens de Roma podia ser usada para soar em sintonia direta com eventos recentes. O rei, explica ele, havia governado por trinta anos quando de repente, numa violenta tempestade, foi envolvido por uma nuvem e desapareceu. Os pesarosos romanos logo concluíram que havia sido arrancado deles para se tornar um deus — cruzando o limite entre humano e divino de uma maneira que o sistema religioso politeísta de Roma às vezes permitia (mesmo que nos pareça um pouco tolo). Mas algumas pessoas da época, concede Lívio, contaram uma história diferente: que o rei havia sido assassinado, decepado pelos senadores. Lívio não inventou totalmente nenhuma das partes desse complô; Cícero, por exemplo, já havia relatado antes a apoteose de Rômulo, embora com uma dose de ceticismo; e um político ambicioso na década de 60 a.C. foi uma vez ameaçado com o "destino de Rômulo", e isso, presume-se, não significava tornar-se um deus. Mas, escrevendo apenas poucas décadas após o assassinato de Júlio César, que foi apunhalado até a morte pelos senadores e depois recebeu o status de deus (terminando com seu próprio templo no Fórum), Lívio oferece um relato particularmente rico e empático. Não ver os ecos de César nesse caso seria não captar o sentido.

Eneias e mais

A história de Rômulo e Remo é algumas vezes intrigante, outras, desconcertante e, por vez, imensamente reveladora das grandes preocupações romanas, pelo menos da sua elite. E, a julgar pelos desenhos ou moedas, ou pelos temas da arte popular, o conhecimento dessas histórias era amplamente disseminado — mesmo que camponeses famintos não passassem muito tempo pensando no Rapto das Sabinas. Mas a complicação adicional, a ser acrescentada a esse quadro já complexo da lenda das origens de Roma, é que a história de Rômulo e Remo não era a única história sobre a fundação da cidade. Havia várias outras. Incluíam variantes menores de temas-padrão, assim como alternativas que nos parecem francamente idiossincráticas. Uma ideia grega, por exemplo, trouxe para o relato o renomado

Odisseu e também coos da *Odisseia* de Homero, sugerindo que o verdadeiro pai fundador de Roma havia sido um homem chamado Romus, fruto do caso amoroso de Odisseu com a bruxa Circe, cuja ilha mágica costumava ser imaginada no litoral da Itália. Esse era um claro exemplo, embora implausível, de imperialismo cultural, que conferia a Roma uma paternidade grega.

A outra lenda que estava também entranhada na história e na literatura romana era a do herói troiano Encias, que fugiu da cidade de Troia após a mítica guerra entre gregos e troianos que compõe o pano de fundo da *Iliada* de Homero. Depois de conduzir seu filho pela mão e de carregar seu idoso pai das ruínas em chamas da cidade, ele chegou à Itália, onde seu destino foi refundar sua cidade natal em solo italiano. Trouxe com ele as tradições de sua terra e até alguns preciosos talismãs resgatados da destruição.



11. Mosaico do século IV d.C. do piso de uma suite de banho da vila romana de Low Ham, no sul da Inglaterra, decorado com uma série de cenas da *Eneida*, de Virgílio: Encias chegando a Cartago, Dido e Encias caçando e, aqui, a paixão da rainha cartaginesa e do herói troiano expressa de forma sucinta.

Há nessa história tantos quebra-cabeças, problemas e ambigüidades como na história de Rômulo, e questões não resolvidas a respeito de onde, quando e por que ela foi criada. Ela se torna ainda mais complicada, além de imensamente enriquecida, graças à *Eneida*, o grande poema em doze livros de Virgílio sobre o tema, escrito durante o mandato do primeiro imperador romano, Augusto, e uma das obras mais lidas da literatura de todos os tempos. Ela se tornou a história de Encias. E legou ao Ocidente alguns de seus momentos mais poderosos e belos, incluindo a trágica história de amor entre Encias e Dido, a rainha de Cartago, quando Encias encerra sua longa viagem de Troia (no litoral da atual Turquia) à Itália. Na sequência da história, Encias resolve seguir seu destino e deixar a Itália, abandonando Dido, que comete suicídio, atirando-se numa pira ardente. “Lembre-se de mim, lembre-se de mim”, diz a letra da pungente ária dessa personagem na versão operística do século XVII composta por Henry Purcell sobre o tema. O problema é que costuma ser difícil saber quais elementos da história devem-se a Virgílio (o que inclui, provavelmente, a maior parte do encontro com Dido) e quais são parte de um relato mais tradicional.

Não há dúvida de que a figura de Encias como fundador de Roma apareceu na literatura — e deixou sua marca na paisagem — bem antes do século I a.C. Há referências a ele nesse papel em escritores gregos no século V a.C.; e no século II a.C., embaixadores da ilha grega de Delos foram pedir uma aliança com Roma e, ao que parece, tiveram o cuidado de lembrar aos romanos, como parte de sua argumentação, que Encias havia feito escala em Delos em sua viagem rumo ao Ocidente. Na Itália, Dionísio de Halicarnasso estava convencido de ter visto o túmulo de Encias, ou pelo menos um antigo memorial em sua homenagem, na cidade de Lavínio, não muito longe de Roma: “vale a pena vê-lo”, observou. Havia ainda uma história popular segundo a qual, entre os objetos preciosos mantidos no templo da deusa Vesta no Fórum romano — onde sacerdotisas virgens, como Reia Sílvia, da lenda de Rômulo, guardavam a chama sagrada que supostamente nunca havia se extinguido —, estava a própria estátua da deusa Palas Atena, que Encias havia trazido de Troia.

Ou pelo menos era o que dizia uma história romana. Havia vários candidatos rivais que alegavam ter resgatado essa famosa imagem, e um bom número de cidades por todo o mundo grego alegava possuir a verdadeira.

Desnecessário dizer que a história de Eneias é também um mito, tanto quanto a de Rômulo. Mas os estudiosos romanos quebraram a cabeça em cima da relação entre essas duas lendas fundadoras e gastaram montanhas de energia tentando trazê-las para um alinhamento histórico. Será que Rômulo era filho, ou talvez neto, de Eneias? E se Rômulo fundara Roma, como poderia Eneias também ter feito isso? A maior dificuldade é que havia um desconfortável intervalo entre o século VIII a.C., data que os romanos atribuíam à origem de sua cidade, e o século XII a.C., data atribuída para a queda de Troia (também considerado um evento histórico). Por volta do século I a.C., alcançou-se alguma espécie de coerência com a construção de uma complexa árvore genealógica, que ligou Eneias a Rômulo, e com a definição das datas "exatas": Eneias passou a ser visto como o fundador não de Roma, mas de Lavínio; seu filho Ascânio foi posto como fundador de Alba Longa — a cidade de onde Rômulo e Remo foram expulsos antes de fundarem Roma; e construiu-se uma dinastia obscura e, mesmo para os padrões romanos, flagrantemente ficcional de reis albanos, para cobrir o intervalo entre Ascânio e a data mágica de 753 a.C. É essa a versão que Lívio endossa.

A afirmação central da história de Eneias é a que faz eco, ou melhor, a que exagera o tema subjacente do asilo de Rômulo. Enquanto este acolhe todos os que chegam à sua nova cidade, a história de Eneias vai além, e afirma que os "romanos" na realidade eram originalmente "estrangeiros". É um paradoxo na identidade nacional, que permanece em visível contraste com os mitos de fundação de muitas cidades gregas, como Atenas, que via sua população original como tendo brotado milagrosamente do próprio solo de sua terra natal. E há outras variantes do relato das origens de Roma que repetidamente enfatizam esse aspecto estrangeiro. Num episódio da *Eneida*, o herói visita o local da futura cidade de Roma e já a encontra ocupada por primitivos predecessores dos romanos. E quem são eles? São um grupo de colonizadores

sob um certo rei Evandro, exilado da terra da Ascídia, no Peloponeso grego. A mensagem é clara: por mais longe que você vá, os habitantes de Roma serão sempre de algum outro lugar.

Essa mensagem é resumida de modo mais esclarecedor em uma estranha etimologia registrada por Dionísio, entre outros. Os intelectuais gregos e romanos eram fascinados por derivações de palavras, e tinham a convicção de que isso dava a chave, não só da origem da palavra, mas também do seu significado essencial. Às vezes estavam corretos em suas análises, mas também cometiam erros extravagantes, e com frequência reveladores, como neste caso. Dionísio, num ponto inicial de sua história, reflete sobre outro grupo de habitantes, ainda mais primitivos, do local que veio a se tornar Roma: os aborígenes. A derivação dessa palavra deveria ter sido de uma obviedade gritante: seria o povo que estivesse ali "desde o início" (*ab origine*). Dionísio, para sermos justos, chega a levantar essa explicação como possibilidade, mas dá igual ou maior peso à noção improvável de que a palavra deriva não de *origes*, mas do latim *errare* ("vagar"), e que originalmente teria sido grafada como *aberrigines*. Conclui ele então que esse povo seria composto, em outras palavras, por "vagabundos sem moradia fixa".

A ideia de que estudiosos antigos pudessem ficar cegos diante da etimologia obviamente correta que tinham bem à frente de seus olhos, em favor de uma ideia estapafúrdia de que *aborigines* derivava de "vagar", lançando mão de uma tendenciosa ortografia alternativa, não reflete uma suposta obscuridade. Mostra apenas o quanto estava entranhada a ideia de que "Roma" sempre havia sido um conceito etnicamente fluido, e que os "romanos" sempre haviam estado em movimento.

Escavações da Roma primordial

As várias histórias sobre Rômulo e os outros fundadores nos dizem muito sobre como os romanos viam sua cidade, seus valores e suas deficiências. Mostram também como os estudiosos romanos debatiam sobre o passado e estudavam sua história. Mas não nos dizem nada, ou na realidade muito pouco, sobre aquilo que eles defendem:

ou seja, como era a Roma primordial, que processos a levaram a se tornar uma comunidade urbana e quando isso aconteceu. Um fato é óbvio: Roma já era uma cidade muito velha quando Cícero foi cônsul em 63 a.C. Mas se não sobreviveu literatura do período da fundação e não é possível confiar nas lendas, como iremos acessar qualquer informação sobre as origens de Roma? Existe alguma maneira de lançar luz sobre os primeiros anos da pequena cidade junto ao Tibre que se tornou um Império mundial?

Por mais que tentemos, é impossível construir uma narrativa coerente que substitua as lendas de Rômulo e Eneias. E também é muito difícil fixar datas precisas para as primeiras fases da história romana. Mas é possível começar a ter uma ideia melhor do contexto geral em que a cidade se desenvolveu, e desfrutar de alguns vislumbres surpreendentemente nítidos desse mundo (e alguns deles ainda bastante esquivos).

Uma maneira de fazer isso é desviarmos-nos das histórias da fundação e procurarmos pistas na língua latina ou nas posteriores instituições romanas, que possam remeter à Roma primordial. A chave aqui é aquilo muitas vezes chamado, de modo simplista e equivocado, de "conservadorismo" da cultura romana. Roma não era mais conservadora do que a Grã-Bretanha do século XIX. Em ambos os lugares, inovações radicais floresciam em diálogo com todo tipo de tradições e retóricas ostensivamente conservadoras. No entanto, a cultura romana de fato estava marcada por uma relutância radical em descartar suas práticas passadas, tendendo a preservar todo tipo de "fósseis" — nos rituais religiosos ou na política, ou onde quer que fosse — mesmo quando seu sentido original já havia se perdido. Como um escritor moderno colocou muito bem, os romanos eram como aquelas pessoas que compram todo tipo de novidades em equipamento de cozinha, mas não conseguem se desfazer de seus utensílios antigos, que continuam a atravancar o lugar embora nunca sejam usados. Estudiosos, modernos e antigos, com frequência têm suscitado de que alguns desses fósseis, ou utensílios antigos, sejam uma importante evidência das condições da Roma primordial.

Um bom exemplo é um ritual que tinha lugar na cidade todo ano em dezembro, conhecido como Septimontium [Sete colinas]. O que acontecia nessa celebração não é muito claro, mas um erudito romano observou que "Septimontium" era o nome de Roma antes de se tornar "Roma", e outro deu uma lista das "colinas" envolvidas nesse festival: Palatium, Velia, Fagatal, Subura, Cermalus, Oppius, Caelius e Cispium (mapa 2). O fato de serem oito nomes sugere que houve alguma fusão. Mas, voltando ao cerne da questão, a excentricidade dessa lista (Palatium e Cermalus são partes da colina que geralmente se conhece como Palatino), aliada ao fato de que "Septimontium" foi a predecessora de "Roma", levantou a possibilidade de que esses nomes pudessem refletir locais de vilas separadas que precederam a cidade já totalmente formada. E a ausência na lista de duas colinas óbvias, Quirinal e Viminal, fez com que alguns historiadores fossem além. Escritores romanos regularmente se referiam a essas duas colinas como *colles* em vez do termo latino usual *montes* (o sentido das duas palavras é mais ou menos o mesmo). Será que essa distinção aponta para duas comunidades linguísticas separadas em algum momento da história inicial de Roma? Estaríamos lidando — para forçar o argumento um pouco mais — com alguma versão dos dois grupos que estão expressos na história de Rômulo, os sabinos associados aos *colles*, os romanos aos *montes*?

É bem provável que sim. Resta pouca dúvida de que o Septimontium esteja de algum modo relacionado com o passado distante de Roma. Mas exatamente de que modo, e quão distante seria esse passado, é muito difícil saber. Os argumentos não são mais consistentes do que os fiz parecer, talvez até menos. Por que deveríamos, afinal de contas, acreditar na afirmação de um erudito romano de que Septimontium era o antigo nome da cidade? Podia muito bem ser também um palpite qualquer para explicar uma cerimônia arcaica que ele viu com quase a mesma perplexidade que nós. E a insistência em duas comunidades parece também suspeita, movida pelo desejo de trazer pelo menos alguma parte da lenda de Rômulo para o lado da "história".

Muito mais tangível é a evidência da arqueologia. Se você escavar bem fundo na cidade de Roma, abaixo dos monumentos antigos

visíveis, verá que restaram poucos vestígios de algum assentamento primitivo. Debaxo do próprio Fórum há restos de um velho cemitério, que causaram furor ao serem descobertos, no início do século xx. Alguns dos mortos haviam sido cremados, com suas cinzas guardadas em urnas simples, junto com canetas e vasos que originalmente continham comida e bebida (a um dos homens haviam sido dadas pequenas porções de peixe, carneiro e carne de porco — e possivelmente um pouco de mingau). Outros estavam enterrados em caixões de carvalho feitos de um tronco escavado. Uma menina, de uns dois anos de idade, havia sido colocada em seu túmulo usando um vestidinho de contas e um bracelete de marfim. Achados similares foram feitos em outros locais por toda a cidade antiga. Bem abaixo de uma das grandes mansões posteriores do monte Palatino, estão as cinzas de um jovem, enterrado com uma lança em miniatura, talvez um símbolo de sua ocupação.

Os mortos e enterrados são, com frequência, mais proeminentes do que os vivos no registro arqueológico. Cemitérios implicam a existência de uma comunidade, e presume-se que serão encontrados vestígios dela nos grupos de cabanas, cujos tênues contornos têm sido detectados debaixo de várias partes da cidade posterior, incluindo o Palatino. Temos pouca noção de qual seria a feição dessas cabanas (além do fato de serem feitas de madeira, barro e palha), e menos ainda do estilo de vida que elas abrigavam. Mas podemos preencher certas lacunas examinando os arredores imediatos de Roma. Uma dessas estruturas antigas mais bem preservadas, e escavada com grande cuidado, foi achada em Fidenae, alguns quilômetros ao norte da cidade, na década de 1980. É uma construção retangular, com cerca de 6 m x 5 m, feita de madeira (carvalho e olmo) e terra batida — a chamada construção *pisé de terre*, ainda em uso até hoje —, com um pórtico tosco em volta, formado pelo telhado sobressalente. Dentro havia um forno central, alguns jarros de cerâmica para armazenamento (e outro menor, que parece ter sido um recipiente para terra de vaso) e vestígios de alguns gêneros alimentícios bastante prevalentes (cereais e favas) e de animais domésticos (carneiros, cabras, vacas e porcos). A descoberta mais surpreendente em meio ao entulho foi

a dos restos de um gato, que morreu (talvez estivesse amarrado) em um incêndio que destruiu a construção. Ganhou fama como o mais antigo gato doméstico de que se tem notícia na Itália.

Há aqui claros indícios de vida, desde a menina no túmulo com seu melhor vestido até o pobre “caçador de ratos” que ninguém tirou da coleira quando o fogo ardeu. A questão é o que esses indícios acrescentam. Os restos arqueológicos certamente demonstram que existe uma longa e rica pré-história por trás da antiga Roma que conhecemos, mas quanto longa é outra questão.

Parte do problema são as condições da escavação na própria cidade. O local onde está Roma foi palco de construções tão intensivas ao longo dos séculos que só encontramos esses vestígios de uma ocupação anterior em pontos que por alguma razão não foram mexidos. Os alicerces escavados nos séculos i e ii d.C. para erguer os vastos templos de mármore do Fórum eliminaram muito do que havia sob a superfície; os porões e adegas dos palácios renascentistas obliteraram ainda mais outras partes de Roma. Portanto, temos apenas clareões, nunca um quadro completo. Isso é arqueologia em seu grau mais difícil e — embora novos fragmentos de evidência surjam o tempo todo — sua interpretação e sua reinterpretação são quase sempre contestadas e muitas vezes controversas. Por exemplo, debate-se atualmente se os fragmentos de pau a pique encontrados em escavações no Fórum em meados do século xx indicam que havia ali também um antigo

12. Uma típica urna de cremação dos primeiros cemitérios de Roma e áreas adjacentes. Na forma de cabanas simples, essas casas para os mortos são uma das melhores pistas a respeito da aparência e das acomodações dos vivos.



assentamento de cabanas — ou se eles foram inadvertidamente introduzidos naquele espaço como parte do entulho usado alguns séculos mais tarde para prover uma nova superfície elevada para a área. Resulta-se que, embora adequado para um cemitério, este teria sido um lugar úmido e pantanoso demais para uma vila.

A datação precisa é ainda mais controversa; daí meu uso intencionalmente vago da palavra "antigo" nas últimas páginas. É sempre bom enfatizar que não há uma data independente certa para os materiais arqueológicos da Roma primordial ou para a área em torno dela, e que ainda se discute muito sobre a idade de quase todo grande achado. Foram consumidas décadas de trabalho ao longo do século XX — usando diagnósticos como a cerâmica feita com roda girante (supondo que é posterior à que é feita à mão), a presença ocasional nos túmulos de cerâmica grega (cuja datação é avaliada de maneira mais precisa, mas ainda não perfeitamente) e a cuidadosa comparação entre um sítio arqueológico e outro — para produzir um esboço de esquema cronológico cobrindo o período que vai de 1000 a 600 a.C.

Em termos básicos, os enterros mais antigos no Fórum devem ter ocorrido por volta de 1000 a.C., as cabanas no Palatino são de cerca de 750-700 a.C. (um número que tem o fascínio de estar bem próximo a 753 a.C., como muitos observaram). Mas mesmo essas datas estão longe de serem seguras. Métodos científicos recentes — como a "datação por radiocarbono", que calcula a idade de qualquer material orgânico medindo a quantidade residual de seus isótopos de carbono radioativo — têm sugerido que são todas "jovens" demais, em até cem anos. Para a cabana de Fidenae, por exemplo, definiu-se uma datação por volta de meados do século VIII a.C., segundo critérios arqueológicos tradicionais. Mas isso é jogado para até o final do século IX a.C., quando nos baseamos no radiocarbono. Atualmente, as datações estão se deslocando, mais ainda que o usual; com isso Roma parece estar ficando cada vez mais velha.

Incontestavelmente, por volta do século VI a.C. Roma era uma comunidade urbana, com um centro e alguns edifícios públicos. Antes disso, para as fases mais antigas, temos suficientes achados esparsos relativos ao período central da Idade do Bronze (entre cerca de

1700 e 1300 a.C.) para sugerir que algumas pessoas moravam no local, em vez de simplesmente "passarem por ali". Quanto ao período intermediário, podemos ter relativa certeza de que vilas maiores se desenvolveram, provavelmente (a julgar pelo que ficou nos túmulos) com um grupo cada vez mais rico de famílias da elite; e que em algum momento estas se uniram em uma única comunidade cujo caráter urbano ficou claro por volta do século VI a.C. Não temos como saber ao certo quando os habitantes desses assentamentos esparsos passaram a se ver como uma única cidade. E não temos a menor ideia de quando foi que começaram a chamar essa cidade de Roma.

Mas a arqueologia não trata apenas de datas e origens. O material escavado na cidade, na área em torno dela e até mais para o interior, tem o que nos dizer sobre o caráter do antigo assentamento de Roma. Primeiro, ele tinha extensivos contatos com o mundo exterior. Já mencionei de passagem o bracelete de marfim da menina no cemitério e a cerâmica grega (feita em Corinto ou Atenas) que foram achados nas escavações romanas. Há também sinais de ligações com o norte, na forma de umas poucas joias e ornamentos em âmbar importado; não há pistas de como eles chegaram ao centro da Itália, mas indicam contatos, diretos ou indiretos, com o Báltico. Roma Antiga, o quanto podemos remontar no tempo, tinha boas conexões, como Cícero intuiu ao enfatizar sua localização estratégica.

Em segundo lugar, havia similaridades, e algumas diferenças importantes, entre Roma e seus vizinhos. A península Itálica, entre 1000 e 600 a.C., era extremamente variada. Havia muitos povos independentes, com tradições culturais, origens e línguas diferentes. Os mais bem documentados são os assentamentos gregos no sul; cidades como Cumae, Taranto e Nápoles (Neapolis), fundadas a partir do século VIII a.C. por imigrantes de algumas das maiores cidades da Grécia — convencionalmente conhecidas como "colônias" mas que não eram "coloniais" no sentido moderno da palavra. Em todos os sentidos e propósitos, boa parte do sul da península e a Sicília pertenciam ao mundo grego, com uma literatura e tradições artísticas correspondentes. Não é coincidência que algumas das amostras mais antigas de escritos gregos que sobreviveram, talvez as mais antigas,

tenham sido descobertas ali. É muito mais difícil reconstruir a história de qualquer um dos demais habitantes da península: os etruscos ao norte, passando pelos latinos e sabinos às portas de Roma até chegarmos ao sul, com os oscanos, que constituíam a população original de Pompeia, e os samnitas mais adiante. Nada de sua literatura, se é que tiveram alguma, sobreviveu, e para obter evidências deles dependemos inteiramente da arqueologia, de textos inscritos em pedra e bronze — às vezes compreensíveis, outras não — e de relatos romanos posteriores, muitas vezes tingidos pela supremacia romana; daí a imagem-padrão dos *samnitas* como rústicos, bárbaros, não urbanizados e perigosamente primitivos.

Mas o que os achados arqueológicos sem dúvida nos mostram é que Roma em seus primórdios era na realidade bastante comum. O desenvolvimento, partindo de assentamentos esparsos até chegar a uma comunidade urbana, que quase podemos detectar em Roma parece ter acontecido mais ou menos na mesma época por toda a região vizinha ao sul. E os vestígios materiais nos cemitérios, na cerâmica local e nos bróches de bronze, assim como em importações mais exóticas, também são ali bastante consistentes. No mínimo, o que tem sido descoberto em Roma é menos impressionante e menos sugestivo de riqueza do que descobertas feitas em outras partes. Não emergiu nada da cidade que se compare, por exemplo, aos achados em alguns túmulos extraordinários na vizinha Praeneste — embora isto também possa ser simplesmente falta de sorte ou, como alguns arqueólogos têm suscitado, pode resultar do fato de alguns dos melhores achados das escavações realizadas no século XIX em Roma terem sido roubados e levados diretamente ao mercado de antiguidades. Uma das questões que deveremos abordar nos próximos dois capítulos é: quando foi que Roma deixou de ser comum?

O elo perdido

A questão final deste capítulo, no entanto, é se o material arqueológico deve ficar separado das tradições míticas de Rômulo e Remo, da forma como as apresentei aqui. Seria possível unir nossas investigações sobre a história mais antiga de Roma às histórias que os próprios

romanos contaram, ou às suas elaboradas especulações a respeito das origens da cidade? Será que podemos encontrar talvez um pouco mais de história no mito?

Essa é uma tentação sedutora que tem influenciado boa parte do trabalho moderno sobre a Roma Antiga, tanto o de historiadores como o de arqueólogos. Já falamos de uma tentativa de fazer com que o relato do *Septimontium* refletisse a natureza dual da cidade — romana e sabina —, enfatizada pelo mito de Rômulo. Recentemente, a descoberta de algumas antigas defesas de terra ao pé do monte Palatino desencadeou todo tipo de especulação desvirtuada para averiguar se seriam as mesmas defesas que Remo teria saltado, o que o levou à morte no dia da fundação da cidade. Isso é fantasia arqueológica. Sem dúvida, algumas obras de terra foram descobertas, por si só importantes — embora o modo como isso poderia se relacionar com o assentamento de cabanas no alto do Palatino seja nebuloso. Tais obras não têm nenhuma relação com os ficcionais personagens Rômulo e Remo. E as tentativas de "manipular" a datação da estrutura e os achados a ela associados para que coincidam com o dia 21 de abril de 753 a.C. (estou exagerando, mas só um pouco) são especialmente forçadas.

Existe apenas um lugar em toda a cidade de Roma onde é possível relacionar os vestígios de material antigo diretamente com a tradição literária. Ao fazer isso, descobrimos, em vez de concordância e harmonia entre os dois, uma lacuna ampla e intrigante. A localização é numa das extremidades do Fórum, perto das encostas do Capitólio, a alguns minutos de caminhada de onde Cícero fez seus ataques a Catilina no templo de Júpiter Stator, e bem perto da plataforma principal (ou *rostris*), local de onde os oradores se dirigiam ao povo. Ali, antes do final do século I a.C., no pavimento do Fórum, foi colocada uma série de placas de pedra preta bem visível, formando um retângulo com cerca de 4 m x 3,5 m, delimitado por uma borda de pedra rebaixada.

Na virada do século XIX para o XX, o arqueólogo Giacomo Boni — à época, uma celebridade à altura de Heinrich Schliemann, o descobridor de Troia, mas sem a sua dúbia reputação por

fraude — escavou por baixo da pedra preta, e encontrou vestígios de algumas estruturas bem mais antigas. Entre elas, um altar, uma parte de uma grande coluna única e um pilar curto de pedra, coberto por inscrições, a maior parte ininteligíveis, em latim arcaico, provavelmente um dos textos mais antigos já encontrados dessa língua. O lugar havia sido intencionalmente incendiado, e estava repleto de achados, tanto extraordinários como corriqueiros, desde taças em miniatura, contas e pedras de jogar até algumas finas peças atenienses de cerâmica decorada do século VI a.C. A explicação mais óbvia que se poderia dar, a julgar pelo que se encontrou, que parecia incluir oferendas religiosas, é que se tratava de um antigo santuário, possivelmente do deus Vulcano. Ele foi coberto quando se repavimentou o Fórum em algum momento do século I a.C. — mas a pedra preta foi colocada em cima para preservar a memória do local sagrado embaixo.

Escritores romanos posteriores conheciam bem a pedra preta e tinham várias ideias a respeito do que significava. "A pedra preta", escreveu um deles, "marca um lugar desafortunado." E sabiam que havia algo muito antigo embaixo dela: não um santuário religioso, como os arqueólogos estão relativamente seguros que era, mas um monumento ligado a Rômulo e sua família. Vários achavam que era o túmulo de Rômulo; outros, talvez considerando que se Rômulo se tornara um deus não deveria na realidade ter nenhum túmulo, achavam que deveria ser o túmulo de Fáustolo, pai adotivo de Rômulo e Remo; outros ainda diziam ser o túmulo de um dos companheiros de Rômulo, Hostilius, o avô de um dos posteriores reis de Roma.

Sabiam também, seja porque o tivessem visto antes de ser coberto ou então por ouvir dizer, que havia lá embaixo uma inscrição. Dionísio registra duas versões a respeito do epitáfio de Hostilius, "documentando sua bravura", ou uma inscrição "registrando seus feitos", colocada após uma das vitórias de Rômulo. Mas certamente não é nenhuma das duas. Nem era, como Dionísio afirma, "escrita em letras gregas": trata-se de latim arcaico autêntico. Mas constitui um exemplo maravilhoso do quanto e também do quão pouco os historiadores romanos conheciam a respeito do próprio passado enterrado



13. Um diagrama dos restos do antigo santuário escavado por Giacomo Boni sob a pedra preta do Fórum. À esquerda, um altar (uma estrutura em forma de U, encontrada também em outras partes da Itália nesse período). Logo à direita, o que restou da coluna, e pouco visível atrás dela o pilar com as inscrições.

— e do muito que desejavam imaginar vestígios de Rômulo ainda presentes na superfície de sua cidade, ou logo abaixo dela.

O que esse texto diz na realidade — pelo menos o que podemos captar do seu sentido — nos leva à próxima fase da história romana e à série de reis quase que igualmente míticos que se supõe terem sucedido Rômulo.